



CUIDAMOS **Recurso de estudo** **bíblico**

Reflexões bíblicas sobre responsabilização e conformidade

Acerca deste recurso	2
Código de conduta para líderes da igreja e voluntários na resposta a desastres	3
Clark Buys, Gerente de Desenvolvimento de Teologia, Hove, Reino Unido	3
Recursos humanos	7
Hiba Fakhouri, Coordenadora Regional de Recursos Humanos para a região Eurásia e Norte de África, Amã, Jordânia Administrar as pessoas com o coração de Deus	7
Logística/aprovisionamento	11
Mercy Amai, Assessora de Conformidade e Logística, Nairobi, Quênia	11
Antifraude	14
Emil Jon Soriano, Gerente de TNE para a Ásia, Manila, Filipinas	14
Antiterrorismo	18
Clark Buys, Gerente de Desenvolvimento de Teologia, Hove, Reino Unido	18
Protecção de crianças	24
Sonia Osorio, Coordenadora de Influência sobre os Jovens – Violência Baseada no Género e Construção da Paz, Montería, Colômbia	24
Protecção de adultos em situação vulnerável	28
Clark Buys, Gerente de Desenvolvimento de Teologia, Hove, Reino Unido	28
Finanças	32
Abdul Bassie, Contabilista Regional, Freetown, Serra Leoa	32

Acerca deste recurso

Este recurso de estudo bíblico CUIDAMOS foi criado para ajudar o pessoal, as igrejas e as organizações parceiras da Tearfund a explorar as bases bíblicas da responsabilização, da salvaguarda e da conformidade.

A salvaguarda e a conformidade são vistas com demasiada frequência como questões técnicas ou desnecessariamente burocráticas. O presente recurso procura mostrar que estas práticas têm raízes profundas nas Escrituras e são uma parte essencial do discipulado, da liderança e do testemunho Cristãos. Proteger as pessoas em situação de vulnerabilidade, administrar os recursos com integridade, agir com transparência e criar comunidades seguras e respeitadoras não são apenas exigências organizacionais. São expressões da justiça, compaixão e cuidado de Deus.

São a seguir apresentados oito estudos bíblicos breves que tratam, cada um deles, de uma área de responsabilização e conformidade diferente, incluindo códigos de conduta, recursos humanos, aprovisionamento, antifraude, antiterrorismo, a salvaguarda de crianças e adultos em situação de vulnerabilidade e integridade financeira. Cada estudo bíblico inclui uma passagem da Bíblia, uma reflexão breve, perguntas para discussão e uma oração de encerramento.

Há seis temas centrais em CUIDAMOS:

- **Criar uma tessitura**, trabalhar conjuntamente numa parceria entre igrejas, comunidades e organizações
- **Capacitar**, criar resiliência e evitar a dependência
- **Cultura**, incorporar as boas práticas na vida normal das igrejas e organizações
- **Responsabilização**, assegurar a responsabilidade, primeiro para com Deus e depois para com as comunidades, os doadores e as organizações parceiras
- **Respeito**, promover a dignidade, a segurança e as boas práticas viáveis
- **Todas as pessoas**, assegurar que todas as pessoas, incluindo aquelas em situação mais vulnerável, são incluídas e protegidas.

Em última análise, o objectivo deste recurso é ajudar-nos a reflectir mais fielmente o coração de Deus na forma como lideramos, servimos, protegemos e administramos. A responsabilização não é independente da missão. Faz parte do modo como vivemos o Evangelho de formas que geram segurança, dignidade, justiça e esperança.



Código de conduta para líderes da igreja e voluntários na resposta a desastres

Clark Buys, Gerente de Desenvolvimento de Teologia, Hove, Reino Unido

«Pastoreiem o rebanho de Deus que está aos seus cuidados. Olhem por ele, não por obrigação, mas de livre vontade, como Deus quer. Não façam isso por ganância, mas com o desejo de servir. Não ajam como dominadores dos que lhes foram confiados, mas como exemplos para o rebanho.»

1 Pedro 5:2-3

«Senhor, quem habitará no teu santuário? Quem poderá morar no teu santo monte? Aquele que é íntegro em sua conduta e pratica o que é justo, que de coração fala a verdade.»

Salmo 15:1-2

Os desastres podem ocorrer subitamente e sem piedade - tempestades, terremotos, inundações - desenraizando vidas e deixando as comunidades abaladas e vulneráveis. Nestes momentos de fragilidade, os líderes da igreja e os voluntários que vêm oferecer assistência tornam-se representantes visíveis de esperança, compaixão e cuidados. Contudo, nestes momentos críticos, a integridade do nosso testemunho é posta à prova. As pessoas observam atentamente não apenas as nossas palavras, mas também as nossas acções, atitudes e motivações.

O apóstolo Pedro dirige-se directamente àqueles a quem é confiada a liderança: pastoreiem o rebanho de Deus. Olhem por ele, não por obrigação, mas de livre vontade, como Deus quer. Não façam isso por ganância, mas com o desejo de servir. Não ajam como dominadores dos que lhes foram confiados, mas como exemplos para o rebanho. (1 Pedro 5:2-3). Esta evocação do pastoreio é poderosa. Em momentos de crise, as ovelhas dependem inteiramente da orientação e lealdade do pastor. Quanto mais crucial é então a integridade e a compaixão daqueles que olham por comunidades deixadas vulneráveis por um desastre?

A Bíblia lembra-nos repetidamente que precisamos de ter elevados padrões de integridade, honestidade e humildade - especialmente quando nos encontramos em posições de influência ou poder. O Salmo 15 descreve vividamente aqueles que podem

morar com Deus: os que são íntegros, justos e honestos. Estas características devem marcar a nossa conduta quando somos chamados a servir no meio de desastres e desespero.

Um código de conduta para líderes da igreja e voluntários na resposta a desastres não é simplesmente um documento formal ou um conjunto de directrizes - é a materialização do nosso compromisso de servir demonstrando um carácter semelhante ao de Cristo. Um tal código descreve claramente comportamentos apropriados, estipulando limites claros para como devemos agir para com pessoas que podem sentir-se desamparadas ou impotentes. Assegura que salvaguardamos as pessoas em situação de vulnerabilidade prevenindo contra abusos, exploração, ou qualquer uso indevido da confiança em nós depositada. Ao manter padrões de ética claros, está também a proteger a dignidade das pessoas que ajudamos, tratando-as como indivíduos criados à imagem de Deus e não como meros recipientes de ajuda. Além disto, a adesão a um código de conduta ajuda a prevenir contra danos não intencionais, recordando-nos que devemos servir com sensibilidade, entendimento cultural e respeito genuíno.

Na resposta a desastres, a dinâmica de poder pode mudar drasticamente - os que vêm ajudar estão frequentemente em posições de força, enquanto os que recebem ajuda se encontram frequentemente numa posição de vulnerabilidade e/ou impotência extrema. A nossa responsabilidade consiste então em usar o poder que esteja ao nosso alcance para construir em vez de destruir, empoderar em vez de dominar e apoiar em vez de controlar. Esta prática consciente ajuda a restaurar a dignidade e a promover uma recuperação genuína das comunidades.

Quando nos guiamos por directrizes éticas claras, o nosso comportamento é a encarnação do próprio Evangelho: caracterizado pelo espírito de serviço, humilde, altruísta e sempre a proteger e a promover a dignidade de todos os seres humanos. O Evangelho revela um Deus que veio não para ser servido, mas para servir; não para explorar ou dominar, mas para elevar e curar. Jesus usou sistematicamente o seu poder de formas que afirmavam a dignidade e o valor daqueles que o rodeavam. Do mesmo modo, quando escolhemos agir com humildade, responsabilização e amor, estamos a representar concretamente as boas novas de um Deus que ama profundamente a humanidade, especialmente em momentos de sofrimento e carência.

Na resposta a desastres, talvez mais do que em qualquer outra altura, o nosso carácter diz mais que os nossos sermões. A vontade de servir com honestidade e responsabilização gera confiança, estabelece ligações e promove a cura em profundidade. Por isso, há que apreciar e defender a importância e a eficácia de ter - e seguir - um código de conduta, seja nas nossas igrejas, nas organizações com quem servimos, ou nas redes de que somos parte. Essas directrizes não são apenas regras a seguir; elas reflectem um chamamento divino, um empenhamento em administrar responsavelmente a confiança sagrada em nós depositada em momentos de crise. Quando respondemos a desastres, que o nosso comportamento sirva como testemunho do coração do próprio Cristo - um coração devotado a restaurar, curar e redimir.



Perguntas para reflexão/discussão

1. Que medidas práticas pode você ou a sua igreja adotar para fortalecer o seu compromisso de usar e seguir um código de conduta claro em situações de resposta a desastres?
2. O Salmo 15 fala de sermos íntegros na nossa conduta e, de coração, falarmos a verdade. Que desafios específicos à honestidade e integridade poderão surgir em situações difíceis e como podem os líderes da igreja lidar na prática com esses desafios?
3. Que medidas práticas pode você ou a sua igreja adotar para fortalecer o seu compromisso de usar e seguir um código de conduta claro em situações de resposta a desastres?



Oração de encerramento

Deus de luz eterna, somos por Vós chamados a pastorear com corações humildes e mãos honestas. Ajudai-nos, especialmente em momentos de crise, a encarnar a Vossa integridade, humildade e compaixão. Deixai que a nossa conduta reflita sempre o Vosso carácter, protegendo aqueles a quem servimos e honrando o Vosso nome. Dai-nos força e sabedoria para administrar com lealdade a confiança sagrada que depositais em nós.

Amém.



Recursos humanos

Hiba Fakhouri, Coordenadora Regional de Recursos Humanos para a região Eurásia e Norte de África, Amã, Jordânia Administrar as pessoas com o coração de Deus

«Assim, em tudo, façam aos outros o que vocês querem que eles lhes façam; pois esta é a Lei e os Profetas.»

Mateus 7:12

O papel dos Recursos Humanos (RH) vai muito além de políticas e burocracia. É uma administração sagrada do recurso mais valioso que Deus confiou a qualquer organização: a sua gente. Cada currículo analisado, cada sessão de formação planeada e cada código de conduta implementado é uma oportunidade para reflectir o amor de Deus e exemplificar os valores de justiça, lealdade e humildade do seu reino, como Deus nos incentiva a fazer em Miquéias 6:8.

A Bíblia ensina-nos a valorizar cada pessoa como um ser criado à imagem de Deus (Génesis 1:27). Esta verdade recorda-nos que o nosso papel não é o de preencher simplesmente cargos, mas sim o de assegurar que cada pessoa na nossa organização se sente segura, apoiada e respeitada. No sector de ajuda humanitária e desenvolvimento, o nosso trabalho é motivado por um empenhamento profundo em restaurar a dignidade e a esperança das pessoas em situação de necessidade. Como nos recorda Colossenses 3:23, «Tudo o que fizerem, façam de todo o coração, como para o Senhor, e não para os homens.» Este versículo incentiva-nos a encarar o nosso trabalho como um acto de adoração, reconhecendo que os nossos esforços têm como objectivo último a glória de Deus e o seu propósito.

Na área de recrutamento, somos chamados a fazer escolhas sensatas - não se trata apenas de preencher vagas ou procurar competências, trata-se de encontrar pessoas cujos valores se coadunem com a missão da nossa organização e que estejam dispostas a servir aos outros e responder ao chamamento de Deus para seguir o seu trabalho por intermédio de nós. É certo que implementamos políticas, mas essas políticas não são apenas regras, elas reflectem o coração de Deus, o seu desejo de justiça, bondade e florescimento integral.

Este enfoque mantém-se em tudo o que fazemos. Através da formação, ajudamos as pessoas a crescer e florescer nos seus cargos, dando-lhes as competências e compaixão necessárias para servir bem. Diz Paulo em Efésios 4:12: «com o fim de preparar os santos para a obra do ministério». É, portanto, mais do que desenvolvimento profissional; é uma forma de equipar o pessoal para trazer mais excelência e qualidade para o seu trabalho. Além disto, os protocolos de conduta, como as políticas antiassédio, os procedimentos de

queixa e outras práticas de Recursos Humanos são um compromisso de manter ambientes em que todas as pessoas se sintam respeitadas e valorizadas.

Os Provérbios 31:8-9 dizem-nos: «Erga a voz em favor dos que não podem defender-se, seja o defensor de todos os desamparados. Erga a voz e julgue com justiça; defenda os direitos dos pobres e dos necessitados». Este versículo acentua a importância do nosso papel, como defensores de direitos a trabalhar em Recursos Humanos, de manter equidade e justiça para todas as pessoas. Ao cuidar dos nossos colegas, estamos a criar uma onda de compaixão que se alarga às comunidades que servimos.

Ouçó dizer muitas vezes que mantenho o equilíbrio entre profissionalismo e compaixão. Embora haja quem possa ver a compaixão como uma fraqueza, eu vejo-a como um ponto forte, especialmente quando se trata de defender o que está certo e advogar por aqueles que sofreram injustiças. Para mim, é uma alegria e um privilégio reflectir Cristo, que sofreu injustiça para revelar a verdade e glorificar a Deus. É uma benção seguir o Seu exemplo!

Continuemos, pois, a administrar os recursos de Deus com sabedoria, compaixão e graça, reflectindo o amor, a justiça e a misericórdia de Deus em tudo o que fazemos. Através das nossas acções, exercemos um impacto duradouro na nossa organização e no mundo.



Perguntas para reflexão/discussão

- 1.** Dedique alguns momentos a reflectir sobre como contribui para uma cultura de cuidado e dignidade no seu local de trabalho. Como poderão as suas acções ou decisões estar mais de acordo com os valores bíblicos de justiça, misericórdia e amor?
- 2.** Analise se as políticas e práticas da sua organização reflectem a justiça e a misericórdia de Deus. Haverá áreas em que essas políticas e práticas se pudessem conciliar melhor com os valores bíblicos para mais bem servir os funcionários e as comunidades?
- 3.** O ambiente do seu local de trabalho é um espaço em que as pessoas se sentem não apenas seguras e respeitadas mas também genuinamente cuidadas e apoiadas? Que papel poderá você desempenhar para promover um tal ambiente?
- 4.** Reflecta sobre o impacto do seu trabalho. Está a beneficiar a organização assim como as comunidades que serve? Como poderá assegurar que o amor e a justiça de Deus são visíveis naquilo que faz?



Oração de encerramento

Deus de justiça e compaixão, nós Vos agradecemos o privilégio de administrar pessoas e recursos de formas que reflectam o Vosso coração. Ajudai-nos a agir com integridade, justiça e misericórdia em todas as nossas decisões. Senhor, guiai-nos para que criemos locais de trabalho onde as pessoas se sintam valorizadas, respeitadas e cuidadas, como era Vossa intenção.

Ensinai-nos a tratar os outros como quereríamos ser tratados, reflectindo o Vosso amor nas nossas palavras e acções. Deixai que as nossas políticas e práticas Vos honrem, trazendo alívio e esperança aos que se encontram em situação de vulnerabilidade e fomentando confiança e respeito nas nossas equipas.

Dai-nos a capacidade de administrar os recursos com sabedoria e assegurar que as nossas acções glorificam o Vosso nome. Deixai-nos seguir sempre o Vosso caminho, procurando a justiça, amando a lealdade e servindo com humildade.

*Em nome de Jesus,
Amém.*



Logística/aprovisionamento

**Mercy Amai, Assessora de Conformidade e Logística,
Nairobi, Quênia**

«Não usem medidas desonestas quando medirem comprimento, peso ou quantidade. Usem balanças de pesos honestos, tanto para cereais quanto para líquidos. Eu sou o Senhor, o Deus de vocês, que os tirei da terra do Egito.»

Levítico 19:35-36

O Levítico é um livro de leis dado aos israelitas após o seu êxodo do Egito. O capítulo 19 centra-se na santidade na vida quotidiana e abrange diversas responsabilidades éticas, sociais e religiosas. Os versículos 35-36 tratam especificamente da necessidade de honestidade e integridade nos negócios, reforçando a expectativa de Deus de que haja justiça e equidade na sociedade.

Esta passagem faz parte do Código de Santidade em Levítico 19, que dá orientação sobre como viver uma vida justa e ética enquanto povo escolhido por Deus. O capítulo mais amplo contém leis sobre relações, justiça e santidade, sublinhando como os israelitas deviam reflectir o carácter de Deus nas suas interacções do dia-a-dia.

No antigo Israel, o comércio era um elemento fundamental da sociedade e as transacções eram feitas usando tipicamente pesos e medidas para determinar o valor dos bens. As práticas de comércio desonestas, como o uso de pesos falsificados, eram uma tentação comum que podia levar à exploração de pessoas em situação de vulnerabilidade (ex. os necessitados, as viúvas e os estrangeiros). A lei de Deus procurava estabelecer a justiça, assegurando que as relações económicas e sociais eram caracterizadas pela honestidade e equidade. O mandamento contra medidas desonestas era uma maneira de promover a confiança e a responsabilidade ética na comunidade.

Estes versículos realçam a preocupação de Deus com a equidade e integridade e acentuam o desejo de Deus de que o Seu povo reflecta o Seu carácter, o que inclui salvaguardar os direitos e o bem-estar de todos os membros da sociedade. A frase «Eu sou o Senhor, o Deus de vocês, que os tirei da terra do Egito» lembra-lhes que foram libertados da opressão, incitando-os a praticar a justiça e a integridade em gratidão a Deus. Para além das leis cerimoniais, Deus preocupa-se com a conduta ética nos negócios comuns e nas interacções sociais.

Os princípios contidos no Levítico 19:35–36 continuam a ser relevantes hoje para promover práticas de negócios éticas, integridade nas transacções financeiras e equidade em todos os aspectos da vida. Os crentes são chamados a reflectir a rectidão de Deus, sendo honestos e justos nas suas interacções e pautando-as cuidadosamente pelos princípios de conformidade em diversos contextos, como locais de trabalho, organizações

religiosas e comunidades. A passagem acentua o chamamento de Deus para um comportamento ético, que é fundamental para os esforços de conformidade que têm em vista proteger as pessoas, especialmente as populações em situação vulnerável, contra danos, exploração e abuso.

Tal como as balanças desonestas exploram outras pessoas, a não implementação de medidas de aprovisionamento e conformidade robustas pode ter como resultado danos e a exploração de pessoas em situação vulnerável. A conformidade, o aprovisionamento e outras políticas devem assegurar a justiça, a igualdade e a protecção de todos. Foi dito aos israelitas que deviam gerar confiança na sua comunidade por meio de transacções justas. Da mesma forma, os quadros de conformidade procuram criar ambientes de confiança em que as pessoas, especialmente as crianças e os adultos em situação de vulnerabilidade, se sintam seguras e apoiadas. Esta passagem lembra aos israelitas que são responsáveis pelas suas acções perante Deus. Hoje em dia, as organizações e os indivíduos responsáveis por aprovisionamento e conformidade são da mesma forma responsabilizados por assegurar uma conduta ética e de acordo com a lei. Em toda a Bíblia, Deus demonstra uma preocupação profunda pelas pessoas marginalizadas e oprimidas. O aprovisionamento e a conformidade reflectem este princípio divino ao darem prioridade à segurança e ao bem-estar das pessoas em risco de danos. Medidas transparentes, conforme incentivadas por esta passagem, estão de acordo com princípios de aprovisionamento e conformidade como as vias para a denúncia de irregularidades, as políticas claras e a liderança ética para impedir abusos e exploração. Isto aplica-se igualmente à logística e ao aprovisionamento, onde a conduta ética inclui práticas como processos de concurso justos, evitar conflitos de interesses na selecção de fornecedores e assegurar o cumprimento dos padrões de qualidade, que contribuem todos para proteger os recursos e as comunidades contra danos.

Provérbios 11:1 - «O Senhor detesta balanças desonestas, mas os pesos exactos lhe dão prazer» - oferece uma sólida base bíblica para as práticas de conformidade e aprovisionamento ao acentuar a honestidade, a equidade, a responsabilização e a justiça. Como organização e como indivíduos envolvidos no aprovisionamento, devemos esforçar-nos por manter estes valores, assegurando que os sistemas de protecção são transparentes, equitativos e eficazes para prevenir danos e exploração. Em última análise, o aprovisionamento que segue os princípios bíblicos honra a Deus e fomenta uma cultura de dignidade e respeito por todos.



Perguntas para reflexão/discussão

1. Como podemos assegurar que o princípio de «balanças honestas e pesos exactos» é aplicado às práticas de aprovisionamento e conformidade nas nossas organizações ou comunidades? De que modos podem a desonestidade ou a

negligência no aprovisionamento e na conformidade ser vistas como uma forma de «medição desonesta» que prejudica as pessoas?

2. Como se relaciona o mandamento bíblico de usar «pesos e medidas exactos» com a necessidade de transparência e responsabilização nos sistemas de denúncia de irregularidades de aprovisionamento e conformidade? Como podemos cultivar uma cultura de transparência em que as pessoas se sintam seguras para comunicar preocupações de aprovisionamento e conformidade sem receio de retaliação?
3. Como é que a compreensão da justiça de Deus, conforme descrita em Levítico 19:36, determina a nossa responsabilidade pessoal e colectiva em matéria de aprovisionamento e conformidade, e de proteger as outras pessoas, especialmente as que se encontram em situação de maior vulnerabilidade?



Oração de encerramento

Senhor, nós Vos agradecemos a Vossa justiça e o Vosso amor. Ajudai-nos a ser honestos, justos e responsáveis em todas as nossas acções, especialmente no aprovisionamento e na conformidade. Dai-nos sabedoria e coragem para proteger os que estão em situação vulnerável e liderar com integridade. Que possamos reflectir o vosso coração de justiça e cuidado em tudo o que fazemos.

*Em nome de Jesus,
Amém.*



Antifraude

Emil Jon Soriano, Gerente de TNE para a Ásia, Manila, Filipinas

«Há seis coisas que o Senhor odeia, sete coisas que ele detesta: olhos altivos, língua mentirosa, mãos que derramam sangue inocente, coração que traça planos perversos, pés que se apressam para fazer o mal, a testemunha falsa que espalha mentiras e aquele que provoca discórdia entre irmãos.»

Provérbios 6:16-19

O versículo chave que usamos neste estudo bíblico é da coleção de ditados da Escritura hebraica intitulada Provérbios. Os provérbios são atribuídos a sábios e pessoas sensatas do seu tempo que, com base nos seus anos de experiência, observaram o desenrolar da vida e formularam máximas.

A sua estrutura poética é chamada um provérbio numérico: «Há **seis** coisas que o Senhor odeia, **sete** coisas que ele detesta», o que significa que esta lista não é exaustiva mas destaca os comportamentos mais significativos a ter em consideração. Este provérbio nomeia coisas que o Senhor odeia e acha detestáveis, usando metáforas de partes do corpo para explicar como a falsidade e a violência são criadas numa pessoa.

- **Olhos altivos:** uma atitude de arrogância que adopta uma expressão de superioridade relativamente a outras pessoas, que considera inferiores.
- **Língua mentirosa:** dizer intencionalmente falsidades com o fim de enganar ou manipular.
- **Mãos que derramam sangue inocente:** causar danos ou a morte de pessoas inocentes; uma consequência de arrogância e mentiras.
- **Um coração que traça planos perversos:** a origem do engano onde são criados planos de maldade.
- **Pés que se apressam para fazer o mal:** agir com más intenções; apressar-se a fazer aquilo que o coração e os olhos desejam.
- **A testemunha falsa:** dizer intencionalmente mentiras, expressar aquilo que o coração premeditou e provocar conflito.
- **Aquele que provoca discórdia entre irmãos:** causar divisões e conflito entre outras pessoas, o resultado de engano e corrupção.

No seu todo, o nosso provérbio chave é uma descrição das raízes da fraude, deixando-nos ver a sua natureza através desta máxima. A palavra «fraude» vem do latim medieval *fraus*, que significava «engano» ou «perfídia». A fraude é um acto deliberadamente enganoso que tem como objectivo obter alguma coisa à custa de outra pessoa ou entidade. A Bíblia adverte amplamente contra as consequências da fraude e organizações como a Tearfund adoptam também medidas pró-activas para mitigar este risco. Implementamos controlos internos robustos, estabelecemos políticas claras para a denúncia de irregularidades e damos formação completa ao nosso pessoal e às nossas organizações parceiras. Contudo, apesar dessas medidas, as pessoas podem ainda assim decidir ignorar os procedimentos estabelecidos ou adoptar intencionalmente práticas fraudulentas.

Vejamos as várias formas de fraude e engano ilustradas na Bíblia. Um tipo de fraude comum e importante é a que é cometida através de afirmações falsas, em que o autor da fraude engana a pessoa afectada, convencendo-a a dar-lhe dinheiro ou bens fazendo declarações falsas. Vemos isto ilustrado na história de Jacob que, com a ajuda de Rebeca, engana Esaú e Isaac para assegurar o direito de primogenitura e a benção. De forma semelhante, o tio de Jacob, Labão, engana-o oferecendo-lhe a sua filha mais velha, Lia, em vez de Raquel, que Jacob amava, e Jacob, ele próprio, engana Labão relativamente à propriedade do seu gado. Provérbios 11:1 trata desta questão quando diz «O Senhor detesta balanças desonestas, mas os pesos exactos lhe dão prazer».

Outro tipo de fraude consiste na apropriação indevida de bens, que ocorre quando alguém a quem foram confiados bens ou dinheiro se apropria deles para seu próprio uso. A Bíblia dá exemplos disto na história de Ananias e Safira em Actos 5:1-11 e no que diz dos ímpios filhos de Eli em 1 Samuel 2:12-17.

Também pode ser cometida fraude por meio da manipulação de coisas, como seja alterando documentos, verificações ou outros instrumentos legais, para prejudicar ou causar perdas à pessoa afectada. Génesis 37:31-33 conta como os irmãos de José enganaram o pai mergulhando a túnica de José no sangue de um bode e apresentando-a como prova de que José tinha sido morto por um animal selvagem. Além disto, 2 Pedro 3:16 adverte de que algumas pessoas deturpam as Escrituras, o que pode ser visto como uma forma de manipulação que leva à destruição.

A Bíblia avisa também contra a fraude e o engano. Fala de castigo de Deus, como diz Salmos 5:6, «Destróis os mentirosos; o Senhor detesta os assassinos e os traiçoeiros», e Salmos 101:7 diz: «Quem pratica a fraude não habitará na minha casa; quem fala com falsidade não permanecerá na minha presença».

A Bíblia trata ainda do auto-engano, avisando-nos da nossa capacidade para sermos enganados. Jeremias 17:9 diz: «O coração é mais enganoso que qualquer outra coisa e a sua doença é incurável» e Tiago avisa múltiplas vezes contra o auto-engano na sua carta. Isto aponta para o facto de que os crentes enfrentam um adversário que procura enganá-los e a nossa própria natureza humana torna-nos susceptíveis de sermos enganados.

Finalmente, a Bíblia adverte contra professores enganosos. Paulo, em 2 Coríntios 11:13-15 descreve vividamente tais indivíduos como «falsos apóstolos, trabalhadores fraudulentos, que fingem ser apóstolos de Cristo» e avisa que o próprio Satanás se pode disfarçar de anjo de luz, pelo que não é de admirar que os seus servos finjam que são servos da justiça.



Perguntas para reflexão/discussão

1. Quando reflectimos sobre os vários aspectos da fraude e do engano tratados neste estudo - como afirmações falsas, apropriação indevida, manipulação e auto-engano - que princípio ou aviso bíblico específico lhe diz mais a si pessoalmente? Explique por que razão este princípio específico tem especial destaque para si e como ele poderia levá-lo(a) a reavaliar algum aspecto das suas próprias atitudes ou acções.
2. Sem dar pormenores que possam identificar indivíduos ou causar mais danos, pode partilhar uma experiência anónima - pessoal ou de que tenha sido testemunha - em que o engano ou a fraude tenha tido consequências negativas significativas? Quais foram os principais factores que contribuíram para o engano e que lições importantes podemos tirar desta experiência para reforçarmos os nossos esforços de prevenção da fraude no nosso trabalho ou organização?
3. Pense agora nas «raízes da fraude» descritas nos Provérbios - incluindo olhos altivos, línguas mentirosas, traçar planos perversos e dar falso testemunho. Onde vê a manifestação destes padrões destruidores no nosso mundo de hoje, a gerar danos, injustiça ou conflito? Dê exemplos específicos (mantendo o sigilo apropriado) e diga como o reconhecimento destas relações aprofunda a nossa compreensão do impacto devastador e de grande alcance do comportamento fraudulento.
4. Recorrendo à sabedoria bíblica e também a conhecimentos práticos, quais são algumas das principais formas pelas quais nós, como indivíduos e organizações, podemos precaver-nos pró-activamente contra os perigos de fraude e engano? Tenha em conta a importância de cultivar a integridade pessoal e um carácter ético, assim como a implementação de sistemas, políticas e práticas organizacionais sólidos que promovam a transparência, a responsabilização e a conduta ética.



Oração de encerramento

Pai, perdoai-nos as ocasiões em que enganámos alguém. Espírito Santo, deixai-nos ver se existe engano nos nossos corações. Dai-nos a Vossa sabedoria para não sermos tentados por caminhos perversos. Protegei-nos contra todo o mal. Dai-nos poder para que possamos ser instrumentos de integridade em todas as esferas da nossa vida. Isto Vos pedimos em nome de Jesus.

Amém.



Antiterrorismo

Clark Buys, Gerente de Desenvolvimento de Teologia, Hove, Reino Unido

«Ora, o povo, homens e mulheres, começou a reclamar muito dos seus irmãos judeus. Alguns diziam: — Nós, os nossos filhos e as nossas filhas somos numerosos; precisamos de trigo para comer e continuar vivos.

Outros diziam: — Tivemos que penhorar as nossas terras, as nossas vinhas e as nossas casas para conseguir trigo e matar a fome.

Havia ainda outros que diziam: — Tivemos que tomar dinheiro emprestado para pagar ao rei o imposto cobrado sobre as nossas terras e as nossas vinhas. Apesar de sermos do mesmo sangue dos nossos compatriotas e de os nossos filhos serem tão bons quanto os deles, ainda assim temos que sujeitar os nossos filhos e as nossas filhas à escravidão. De fato, algumas das nossas filhas já foram entregues como escravas, e não podemos fazer nada, pois as nossas terras e as nossas vinhas pertencem a outros.

Quando ouvi a reclamação e essas acusações, fiquei furioso. Depois de refletir no meu coração sobre tudo isso, repreendi os nobres e os oficiais, dizendo-lhes: — Vocês estão cobrando juros dos seus compatriotas! Por isso, convoquei uma grande reunião para tratar deles e disse: — Na medida do possível, nós resgatamos os nossos irmãos judeus que haviam sido vendidos aos outros povos. Agora vocês estão até vendendo os seus irmãos! Assim, eles terão que ser vendidos a nós de novo! Eles ficaram em silêncio, pois não tinham resposta.

Por isso, prossegui: — O que estão fazendo não está certo. Vocês devem andar no temor do nosso Deus para evitar a zombaria dos outros povos, os nossos inimigos. Eu, os meus irmãos e os meus homens de confiança também estamos emprestando dinheiro e trigo ao povo. Mas vamos acabar com a cobrança de juros! Devolvam-lhes imediatamente as suas terras, as suas vinhas, as suas oliveiras e as suas casas, bem como os juros que cobraram deles, a centésima parte do dinheiro, do trigo, do vinho e do azeite.

Eles responderam: — Devolveremos tudo o que você disse e não exigiremos mais nada deles. Faremos o que você nos pediu.»

Neemias 5:1-12

O livro de Neemias conta a história extraordinária de um líder a reconstruir as muralhas de Jerusalém num ambiente de ameaças externas e desafios internos. Em Neemias 5:1–12, encontramos um relato impressionante de injustiça na comunidade. Ao mesmo tempo que o povo enfrentava oposição externa, eclodiu uma crise interna: os judeus ricos exploravam os pobres. Terras, casas e até os filhos eram usados como penhor para garantir dívidas, deixando muita gente impotente e oprimida.

A resposta de Neemias é contundente. Ele ouve o clamor dos oprimidos, confronta directamente os exploradores e exige restituição. A sua liderança corajosa tem como base dois princípios fundamentais: reverência em relação a Deus e a protecção das pessoas em situação de vulnerabilidade. Ao exigir responsabilização ética, Neemias demonstra que a injustiça e a exploração são inaceitáveis no povo de Deus, até mesmo quando esse povo enfrenta pressões externas.

Hoje em dia, no trabalho humanitário, surgem desafios semelhantes para assegurar que a ajuda chega às pessoas a quem se destina. Um risco crítico é o de os recursos poderem ser desviados - através de corrupção, coacção ou manipulação - para financiar terrorismo e actividades extremistas. Esses grupos exploram a vulnerabilidade para perpetuar danos e desestabilizar as comunidades. Um tal desvio não só prejudica as pessoas em situação vulnerável, como afecta a missão de organizações como a Tearfund, que procuram trazer a paz e a reparação. As medidas antiterrorismo são, portanto, protecções essenciais para impedir que os recursos vão alimentar ciclos de violência e, pelo contrário, assegurar que são usados para sarar e trazer esperança.

Visto desta perspectiva, o exemplo de Neemias oferece-nos conhecimentos profundos. Assim como ele falou contra o uso indevido de recursos que perpetuava os danos, também nós temos de confrontar as formas de exploração modernas com integridade e coragem. A insistência dele na responsabilização e transparência reflecte um mandamento bíblico no sentido de assegurar que os recursos são administrados de maneira ética. Isto não é apenas uma necessidade prática, é uma acção profundamente espiritual de lealdade ao chamamento de Deus para protegemos os oprimidos.

Para a Tearfund, a trabalhar com igrejas locais, esta história tem uma relevância profunda. Tal como Neemias, as igrejas locais encontram-se frequentemente no centro do trabalho de reconstruir e restaurar comunidades. No entanto, podem enfrentar também pressões complexas em contextos em que a corrupção, a coacção ou o conflito ameaçam a utilização ética dos recursos. A insistência de Neemias na transparência e na responsabilização é um exemplo para as igrejas reflectirem a justiça de Deus, assegurando que as suas acções trazem a paz em vez de perpetuarem os danos.

A afirmação de Neemias no versículo 9 - «Vocês devem andar no temor do nosso Deus» - convida-nos a basear as nossas acções na reverência pela justiça e o carácter de Deus. A administração ética dos recursos honra a Deus e protege as pessoas em situação de vulnerabilidade. Conforme os Provérbios 21:3 nos recordam; «Fazer o que é justo e direito é mais aceitável ao Senhor do que oferecer sacrifícios». Esta é uma chamada não apenas à vigilância prática, mas também à integridade espiritual.

Quando navegamos hoje as complexidades de salvaguardar os recursos em contextos de fragilidade, Neemias 5 lembra-nos que a administração fiel é um mandamento bíblico. Impedir que os recursos sejam explorados para financiar terrorismo não é simplesmente um exercício de conformidade - é uma reflexão do coração de Deus, do seu desejo de justiça, uma expressão concreta da entrada do Seu reino num mundo dividido. Por este meio, nós encarnamos o Evangelho, protegendo as pessoas em situação de vulnerabilidade e proclamando a paz.



Perguntas para reflexão/discussão

1. Neemias tomou medidas decisivas para confrontar o uso indevido dos recursos e proteger as pessoas em situação de vulnerabilidade. Como podemos nós, como igreja ou organização, assegurar a responsabilização e a transparência na gestão de recursos, especialmente em contextos em que a corrupção ou a coacção podem estar presentes? Que medidas práticas podemos tomar para salvaguardar contra a exploração?
2. A liderança de Neemias tinha raízes na reverência por Deus e num empenhamento na justiça. Como é que a nossa fé molda a maneira como abordamos a salvaguarda e as medidas antiterrorismo? Como podemos reflectir a justiça de Deus e cuidar das pessoas em situação de vulnerabilidade nas nossas decisões e acções?
3. Neemias incitou a comunidade a trabalhar conjuntamente para assegurar justiça e responsabilização na gestão dos recursos. No contexto actual, o que podem as igrejas locais fazer para proteger a ajuda humanitária contra uso indevido? Pense em medidas práticas como melhorar a transparência, trabalhar em parceria com outras organizações ou fazer a defesa e promoção de direitos de grupos vulneráveis. Que sistemas ou práticas específicos poderiam as igrejas implementar para assegurar que os recursos são usados de forma ética?



Oração de encerramento

Deus de bondade e justiça, Vós sois o protector dos fracos e o defensor dos que estão em situação vulnerável. Nós Vos agradecemos a sabedoria e orientação contidas na Vossa Palavra, que nos chama a agir com integridade e justiça. Ajudai-nos a ouvir, como Neemias, os gritos dos oprimidos e a administrar os recursos que nos são confiados com lealdade e cuidado.

Senhor, permiti que a Vossa igreja seja um farol de justiça e paz a reflectir o Vosso amor pelos que se encontram em situação de vulnerabilidade. Dai-nos coragem para confrontar a conduta imprópria, sabedoria para criar sistemas de responsabilização e humildade para agir com reverência para Convosco. Que as nossas acções honrem o Vosso nome e dêem esperança às pessoas necessitadas.

Guiai-nos para que trabalhemos juntos, construindo comunidades que reflectam o Vosso reino - um lugar onde os recursos sejam usados para curar, restaurar e trazer vida, nunca para causar danos. Deixai-nos seguir o Vosso caminho, procurando a justiça, amando a lealdade e caminhando humildemente Convosco.

Oramos em nome de Jesus, o Príncipe da Paz.

Amém.



Protecção de crianças

**Sonia Osorio, Coordenadora de Influência sobre os Jovens
– Violência Baseada no Género e Construção da Paz,
Montería, Colômbia**

«Os filhos são herança do Senhor, e os frutos do ventre, uma recompensa.»

Salmo 127:3

Esta passagem do Salmo 127:3 expressa uma mensagem poderosa sobre as crianças, descrevendo-as como uma herança do Senhor e uma recompensa que Ele dá. Como adultos, cabe-nos o privilégio de cuidar desta herança preciosa e isto acarreta uma grande responsabilidade. Como podemos cuidar adequadamente desta herança e protegê-la, e como seremos responsabilizados pelo desempenho desta incumbência sagrada?

Como Cristãos, afirmamos o carácter sagrado da vida e a verdade de que todas as pessoas são criadas e conhecidas por Deus. A Bíblia oferece reflexões poéticas e proféticas sobre o conhecimento íntimo que Deus tem de nós, até mesmo antes de nascermos, conforme ilustrado no Salmo 139:13–16 e em Jeremias 1:5. Estes textos falam do valor profundo e da dignidade de cada ser humano.

Contudo, a realidade actual apresenta um contraste marcado com este ideal. Somos confrontados com a realidade escandalosa do abuso cometido contra crianças e adolescentes. As estatísticas revelam uma imagem alarmante de abuso sexual, físico e psicológico infligido a crianças em todas as esferas da sociedade, criando uma crise global.

Neste contexto, a comunicação clara e aberta em família, caracterizada pela honestidade e sinceridade no diálogo com crianças e adolescentes, surge como uma forma de protecção vital e uma maneira poderosa de impedir o abuso sexual e os maus-tratos de crianças. Quando os pais e os cuidadores dão prioridade a dedicar tempo para a comunicação com os seus filhos, estão a cultivar um ambiente de confiança. Neste espaço seguro, as crianças sentem que podem falar de quaisquer preocupações sobre potenciais abusadores e procurar ajuda quando se sentem em perigo. Isto é fundamental, quer a ameaça venha da escola, da igreja, da comunidade, ou mesmo do seu círculo familiar. Tragicamente, o abuso e os maus-tratos ocorrem frequentemente neste círculo estreito, sendo a pessoa autora do abuso, muitas vezes, conhecida da criança. O desequilíbrio de poder que existe explora a vulnerabilidade da criança e pode frequentemente levar a uma cultura de silêncio sobre estas questões na comunidade, por medo de estigmatização e rejeição.

Devemos, por conseguinte, assumir a nossa responsabilidade de comunicar comportamento criminoso ou inapropriado para com crianças às autoridades relevantes. É imperioso assegurar que aqueles que cometeram abusos contra crianças são levados à justiça. As igrejas locais, assim como outras organizações, têm também um papel importantíssimo a desempenhar neste aspecto. Têm de estabelecer procedimentos de denúncia claros, assegurando que o pessoal e os membros da comunidade sabem como levantar preocupações em segurança e com confiança na estrutura de comunicação. Estes procedimentos devem explicar as medidas que serão tomadas para investigar e responder a alegações de abuso, dando prioridade à segurança e ao bem-estar da criança em todas as fases do processo.

Além disto, as crianças têm de ter a garantia de que as suas palavras serão sempre levadas a sério e nunca devem sentir-se ignoradas por qualquer adulto ou figura de autoridade. Têm de ter a noção de um espaço seguro onde a sua integridade é protegida, salvaguardada e defendida. Isto inclui a implementação de práticas de protecção específicas, como:

- **Recrutamento seguro:** Fazer a triagem e a verificação rigorosa de antecedentes de todos os indivíduos (incluindo voluntários) que trabalham com crianças, para minimizar o risco de empregar abusadores.
- **Códigos de conduta:** Estabelecer directrizes claras para o comportamento apropriado de adultos para com as crianças, proibindo qualquer forma de abuso físico, emocional ou sexual.
- **Supervisão e monitorização:** Assegurar que os adultos nunca ficam sozinhos com crianças sem supervisão adequada e que as actividades são monitorizadas para manter um ambiente seguro.



Perguntas para reflexão/discussão

1. Reflectindo sobre os Salmos 127:3 e 139:16, como é que a visão bíblica das crianças como uma herança de Deus molda o nosso entendimento da salvaguarda?
2. O estudo acentua a importância da comunicação aberta e de criar espaços seguros para as crianças. Quais são algumas formas específicas pelas quais nós, como indivíduos e igrejas locais, podemos promover estes ambientes de confiança e assegurar que as crianças se sentem ouvidas e protegidas?
3. Dadas as estatísticas alarmantes do abuso de crianças, como podem as comunidades religiosas e as organizações humanitárias trabalhar de modo mais eficaz com as famílias, as comunidades e os sistemas jurídicos para impedir o

abuso, responder a incidentes e assegurar a justiça e a recuperação das crianças e respectivas famílias?



Oração de encerramento

Senhor, pedimos o Vosso perdão por negligenciarmos a Vossa herança e por nem sempre darmos uma atenção constante ao cuidado dos mais indefesos. Despertai nos nossos corações e nas nossas mentes um maior sentido de responsabilidade pela protecção dos que estão em situação mais vulnerável, como pais, como famílias e como igreja e sociedade.

Amém.



Protecção de adultos em situação vulnerável

Clark Buys, Gerente de Desenvolvimento de Teologia, Hove, Reino Unido

«Aprendam a fazer o bem! Busquem a justiça; defendam o oprimido. Litem pelos direitos do órfão; defendam a causa da viúva.»

Isaías 1:17

No antigo reino de Judá, o poder estava nas mãos de uma elite patriarcal que controlava os sistemas social, legal e económico. As viúvas, os órfãos e os imigrantes eram frequentemente marginalizados porque não tinham os defensores masculinos ou o estatuto social a que a sociedade dava valor. Estes grupos vulneráveis eram muitas vezes excluídos e deixados sem o apoio necessário para florescer, postos de parte por estruturas sociais que favoreciam os que estavam em posições de poder e reforçavam ciclos de negligência e desigualdade.

Foi neste contexto que o profeta Isaías proferiu uma ordem ousada e contrária à cultura da época: «Aprendam a fazer o bem! Busquem a justiça, acabem com a opressão». Isto não era apenas um apelo ao comportamento moral - era uma exortação para uma mudança radical que associava adoração genuína a compaixão activa e justiça. A discordância entre o ritual religioso e a vivência ética tinha-se tornado flagrante. Ao mesmo tempo que as pessoas ofereciam sacrifícios e observavam as festas sagradas, não viviam a justiça e o cuidado que Deus queria. A mensagem de Isaías era um alerta severo de que a adoração desprovida de justiça não tem qualquer valor.

As palavras de Isaías destacam uma verdade que se repete ao longo das Escrituras: O coração de Deus está com aqueles que se encontram em situação de vulnerabilidade. Desde as leis do Deuterónimo que ordenavam a Israel que cuidasse do estrangeiro, da viúva e do órfão, até aos ensinamentos de Jesus, que proclamou «O que vocês fizeram a algum dos meus menores irmãos, a mim o fizeram», a Bíblia apela sistematicamente aos crentes para que liguem a sua fé a actos de justiça concretos. O mandamento do profeta continha uma mudança profunda da adoração ritualista para uma vida de fé integrada - uma vida que reflectia o carácter de Deus como «pai para os órfãos e defensor das viúvas» (Salmo 68:5).

Actualmente, enfrentamos um desafio semelhante. Por todo o mundo, pessoas em situação vulnerável continuam a ser ignoradas, por motivo da sua idade, deficiência, estatuto socioeconómico ou outras razões. O chamamento feito no tempo de Isaías à defesa dos oprimidos é o mesmo chamamento para nós hoje, como adoradores do Deus da Bíblia. Somos chamados a evitar a armadilha de uma desconexão entre a nossa adoração e a nossa procura de justiça. A verdadeira adoração não se limita ao que

acontece entre as paredes de uma igreja; é demonstrada pela forma como cuidamos daqueles que se encontram em risco e os protegemos.

A procura de justiça é um esforço colectivo. 1 Timóteo 5:8 sublinha que cuidar de outras pessoas é um reflexo de fé: «Se alguém não cuida de seus parentes... é pior que um descrente». Esta responsabilidade colectiva vai para além da família mais chegada, estende-se a toda a comunidade da fé. No contexto da salvaguarda, isto significa criar sistemas e práticas que mantenham a dignidade e a segurança das pessoas em situação de vulnerabilidade. Significa ser pró-activo(a) em criar ambientes em que eles sejam vistos, valorizados e defendidos - cumprindo o mandamento de Deus relativo à justiça como acto de adoração.



Perguntas para reflexão/discussão

1. Isaías apelou à justiça numa sociedade que ignorava as pessoas em situação vulnerável. Onde é que vemos desafios semelhantes hoje e como podemos nós, como igreja ou indivíduos, responder para defender e apoiar aqueles que se encontram em risco?
2. Isaías destacou uma desconexão entre a adoração e a justiça. Como podemos nós assegurar que a nossa adoração está ligada a actos de compaixão e justiça? Que medidas práticas podemos tomar para cuidar das pessoas em situação de vulnerabilidade?
3. A Bíblia apela à nossa responsabilidade colectiva pelas pessoas em situação vulnerável. O que pode a nossa igreja ou comunidade fazer para criar um ambiente seguro e de apoio para elas? Que sistemas ou práticas podemos criar para viver este chamamento?



Oração de encerramento

Deus de bondade, Vós sois o defensor dos fracos e o protector dos que estão em situação vulnerável. Inspirai-nos a procurar a justiça e a agir com compaixão. Ajudai-nos a associar a nossa adoração a obras de amor e cuidado por aqueles que se encontram em risco. Que sejamos capazes de construir comunidades que reflectam o Vosso coração, onde a dignidade é mantida e a segurança assegurada. Guiaí-nos para que possamos ser as Vossas mãos e pés, na criação de espaços de paz e protecção para todos.

Amém.



«— Quem é fiel no pouco também é fiel no muito, e quem é injusto no pouco também é injusto no muito. Assim, se vocês não forem fiéis para lidar com as riquezas injustas, quem confiará as verdadeiras riquezas a vocês?»

Lucas 16:10-11

Depois da história do administrador desonesto nos versículos anteriores (Lucas 16:1-9), Jesus continuou a pregar sobre lealdade. Podemos pensar às vezes «É uma coisa pequena. Não tem importância se eu inventar um pouco, pois não?» Jesus disse que tem muita importância. A lealdade ao nosso Senhor e aos nossos valores inclui a honestidade e a integridade, independentemente do valor de alguma coisa ou do tipo de actividade. Na Tearfund, temos a benção de possuímos apoiantes generosos e doadores empenhados que dão generosamente para apoiar o nosso trabalho. Temos como objectivo sermos leais na utilização desses recursos para a finalidade pretendida.

A administração financeira bíblica refere-se à gestão responsável e leal dos recursos financeiros que Deus nos confiou. Reconhece que tudo aquilo que temos pertence, em última instância, a Deus e que somos chamados a usar as nossas bênçãos financeiras com sabedoria para os propósitos e a glória de Deus. A administração financeira bíblica começa por reconhecer que a propriedade pertence em última instância a Deus e que o nosso papel é o de administradores dessa propriedade.

É essencial para a administração financeira reconhecer que Deus é, em última instância, o proprietário de tudo o que existe. A Bíblia diz-nos que «Do Senhor é a terra e tudo o que nela existe, o mundo e os que nele vivem» (Salmo 24:1). Compreender este princípio ajuda-nos a adoptar uma atitude humilde e grata, reconhecendo que os bens que possuímos são dádivas de Deus. Honramos a Deus através de uma administração responsável. Adoramos a Deus ao respeitarmos a ética e ao empregarmos práticas financeiras transparentes. Como diz 2 Coríntios 8:21: «pois estamos tendo o cuidado de fazer o que é correcto, não apenas aos olhos do Senhor, mas também aos olhos dos homens.» Este empenhamento numa conduta ética significa cumprir políticas financeiras, evitar conflitos de interesses, assegurar a autorização correcta de transacções e usar de equidade no aprovisionamento. A transparência financeira envolve manter registos exactos, apresentar regularmente relatórios às partes interessadas e submetermo-nos a auditorias destinadas a verificar a nossa integridade financeira. Ao dar prioridade a estes princípios, não só estamos a cumprir os regulamentos como também demonstramos a nossa dedicação a usar os recursos de Deus de um modo que lhe é agradável.

Segundo o *Business and Accounting Daily*, o nível de fraude financeira em organizações de beneficência subiu 36% em 2024 em comparação com 2022, sendo metade das fraudes detectadas cometida por membros do pessoal, voluntários ou *trustees*. A juntar a isto, o relatório mais recente sobre fraude em organizações de beneficência da BDO (*BDO Charity Fraud Report*) concluiu que uma espantosa percentagem de 92% das organizações de beneficência tinham sofrido perdas financeiras por motivo de fraude. O tipo de fraude mais comum era o desvio de dinheiro ou bens, com 42% das organizações de beneficência a serem vítimas de roubo este ano, seguido de fraude nas despesas e ajudas de custo, que representava 35%.

No que constituiu um abuso de confiança significativo, Martin Sargeant, um ex-gestor de operações na Diocese de Londres da Igreja Anglicana, admitiu ter defraudado a igreja em 5,2 milhões de libras. Ao longo de uma década, Sargeant apresentou facturas falsas e desviou fundos destinados à manutenção da igreja e a projectos comunitários. O dinheiro desviado financiou o seu estilo de vida sumptuoso, incluindo viagens de luxo e aquisições de propriedades. Esta fraude teve consequências concretas: várias igrejas da cidade de Londres viram-se incapazes de manter os seus edifícios e algumas tiveram de fechar as portas ao público.¹

Noutro contexto, num dos mais importantes casos de má conduta financeira relacionada com uma instituição religiosa, em Singapura, o Pastor Kong Hee e cinco outros líderes da City Harvest Church foram condenados em 2015 pelo desvio de aproximadamente 50 milhões de dólares de Singapura dos fundos da igreja. Os fundos foram desviados para financiar a carreira musical secular da esposa de Kong Hee, Sun Ho, sob o falso justificativo de uma missão da igreja. O tribunal descobriu que os líderes tinham elaborado um esquema complexo para encobrir a utilização de fundos não autorizada, que incluía a falsificação de contas e a criação de transacções fictícias. Apesar de os fundos desviados terem sido finalmente devolvidos à igreja, o incidente causou danos reputacionais significativos e deixou clara a necessidade de ter uma supervisão financeira rigorosa nas organizações religiosas.²

A Tearfund, as nossas organizações parceiras e o nosso trabalho não são excepção no que toca ao risco de fraude. Somos chamados a servir a Deus onde a necessidade é maior e assegurar que não são causados danos, nem mesmo pela nossa gestão financeira. É por esta razão que tomamos a gestão financeira muito a sério. Como é dito em Provérbios 22:22–23, «Não explore os pobres por serem pobres... pois o Senhor será o advogado deles».

Como administradores, somos chamados a operar com equidade e justiça nas nossas transacções económicas, tendo em mente que o Senhor detesta ganhos desonestos. Como dizem os Provérbios 11:1: «O Senhor detesta balanças desonestas, mas os pesos

¹ Consultar a notícia em *The Independent*: [Church of England fraudster who stole £5.2m and spent it on lavish holidays is jailed](#) (Defraudador da Igreja Anglicana que roubou 5,2 milhões de libras e gastou o dinheiro em férias de luxo é preso)

² Consultar o artigo da Wikipedia [Kong Hee](#)

exactos lhe dão prazer.» Temos de ser transparentes e tratar os recursos destinados às pessoas a quem servimos com o máximo cuidado. Devemos assegurar que o pessoal e os voluntários se abstêm de pedir dinheiro emprestado ou extorquir as pessoas a quem servimos. Exercer pressão sobre participantes de projetos para que aceitem mais ou menos serviço do que o necessário deve ser desencorajado.

É nossa responsabilidade colectiva proteger as pessoas contra danos financeiros e assegurar que podem levantar preocupações. Como pessoal e como organizações parceiras da Tearfund, tomamos as decisões financeiras com sensatez e propósito, dando prioridade a Deus, fazendo uma gestão fiel e vivendo o nosso trabalho com contentamento. Como administradores fiéis, recebamos e pratiquemos estes princípios para nosso próprio bem-estar, para o avanço do Reino de Deus e para a benção das outras pessoas.



Perguntas para reflexão/discussão

1. Tendo em mente Lucas 16:10-11 e as estatísticas relativas a fraude em organizações de beneficência, de que modo se relaciona a nossa fidelidade pessoal em questões financeiras de pouca monta com a nossa credibilidade para assumir responsabilidades maiores dentro de uma organização?
2. Como podemos nós, como indivíduos e como organização, manter uma cultura de transparência financeira e responsabilização, assegurando que os doadores e as pessoas a quem servimos têm confiança na forma como os recursos são usados? Que práticas ou políticas específicas contribuem para criar esta confiança?
3. Reflectindo sobre Provérbios 22:22-23 e Provérbios 11:1, como é que a preocupação de Deus pelas pessoas pobres e o Seu repúdio de ganhos desonestos moldam a nossa abordagem à tomada de decisões financeiras no trabalho humanitário? Como é que isto influencia a nossa responsabilidade de proteger as pessoas a quem servimos contra danos financeiros?



Oração de encerramento

Deus de bondade, reconhecemos que tudo o que temos vem de Vós e que nós somos administradores dos Vossos recursos. Perdoai-nos qualquer falta de lealdade ou integridade no nosso tratamento de finanças. Dai-nos sabedoria e discernimento para usar estes recursos responsabilmente, de forma ética e transparente, para o avanço do Vosso reino e benefício das pessoas a quem servimos. Fortalecei o nosso empenhamento na responsabilização e ajudai-nos a criar sistemas que impeçam a fraude e protejam as pessoas em situação de vulnerabilidade. Que as nossas práticas financeiras tragam glória ao Vosso nome e reflectam o Vosso desejo de justiça.

Amém.

Tearfund, 100 Church Road, Teddington, TW11 8QE, Reino Unido.

☎ +44 (0)20 3906 3906 ✉ publications@tearfund.org learn.tearfund.org

Sede: Tearfund, 100 Church Road, Teddington, TW11 8QE, Reino Unido. Registada em Inglaterra com o n.º: 994339. Uma organização de responsabilidade limitada por garantia. Instituição de beneficência registada com o n.º 265464 (Inglaterra e País de Gales) e n.º SC037624 (Escócia)

The logo for Tearfund, featuring the word "tearfund" in white lowercase letters on a blue rectangular background.